



(R)EVOLUÇÃO



PROFISSÃO DECORADOR

Antes do 25 de Abril, Pedro Leitão, Duarte Pinto Coelho, Lucien Donnat e Joaquim Mitniski são os líderes de um mester desconhecido para a maioria da população. João Chichorro e Maria José Salavisa são nomes importantes. Os clientes são oriundos das classes privilegiadas, mas mesmo entre as famílias poderosas se encontra preconceito por se considerar que a contratação de decoradores revela falta de gosto. A classe média-alta lisboeta compra na Jalco, na Renaissance, que também fazem decoração, e na Leonel. Os tecidos são comprados nos armazéns Castelo Branco e nos da CUF. O período revolucionário é marcado pelo início da carreira, entre outros, de Graça Viterbo. As dificuldades para a realização dos trabalhos são várias. Há falta de material e a profissão continua a não merecer muita atenção. Apesar disso, alguns arquitectos abraçam os projectos de interiores na sua totalidade. É o caso de Luís Possolo, cujos trabalhos são à data conhecidos.



CASA PARA A VIDA

Na maior parte dos casos, a primeira casa era aquela que se pensava ocupar para sempre. Sinal do imobilismo social, o bairro onde se nascia – ou se chegava no caso dos migrantes – era habitualmente aquele em que se ficava a morar. Lá dentro ia-se acumulando a família e as coisas, à medida que iam crescendo. Naturalmente, nas classes privilegiadas o discurso é diferente. Ainda assim, a mobilidade de vida não era o que é hoje.

INFORMAÇÃO

De um país que não percebe nada de decoração, Portugal passa a ser informado. Hoje, a maioria da população tem a preocupação de habitar espaços cuidados. Entre os que recorrem a decoradores, há quem leve ideias concretas sobre o que quer. Mas "os que têm confiança no nosso trabalho confiam ainda mais do que antigamente", diz Graça Viterbo.



A DECORAÇÃO MAU GOSTO

O QUE MUDOU NAS NOSSAS CASAS E NO GOSTO

4

VALOR DA MOBÍLIA

O tempo para juntar dinheiro destinado à compra da mobília de quarto condicionava, muitas vezes, o tempo de espera para realizar um casamento. Ainda por cima, compravam-se conjuntos completos de cama, mesinhas de cabeceira, guarda-fatos... Uma vez feito o quarto, juntava-se dinheiro para o conjunto seguinte... Como as peças tinham de durar um casamento eram maciças, mas desprovidas de qualquer noção de gosto. Muitas vezes, nem sequer se adequavam às dimensões dos apartamentos, enchendo-os em demasia.

5

COR

Portugal era um país cinzento. A metáfora mental aplica-se também à decoração. As cores das paredes eram suaves ou escuras. Nos anos 70, vingam as divisões pintadas, cada uma, em tons fortes. Renasce o papel de parede, os lacados e os dourados. Não existia mobiliário colorido.



ESTILOS

Queen Anne, D. João, D. José, estilos inglês e rústico, ou mesmo sem estilo, são os nomes atribuídos aos interiores das casas portuguesas dos anos 60. Parcamente, o pop entra e, em 1970, assiste-se a um crescimento da utilização da cor. O papel de parede com padrão enche as divisões das casas até aos 80 e depois da explosão de cor aparece o minimalismo. O design vanguardista, com alguns aspectos de barroco e de cenografia, abre o caminho para a mistura de estilos que se verifica hoje.

6



CHRISTOPHE

7 DESENHO DE AUTOR

A existência de tantas possibilidades é uma coisa nova, já do final do século XX. Anteriormente, as lacunas do mercado eram colmatadas pelo desenho de peças únicas nas casas que tinham um decorador no seu projecto.

CONTINUA, PARA A RUA!

COLECTIVO DESDE O 25 DE ABRIL DE 1974.

Por Carla Macedo

MATERIAIS

Enquanto se verifica uma diversificação dos materiais utilizados na decoração, as madeiras mais nobres utilizadas até 74 desaparecem ou encarecem progressivamente. O fim do Império Colonial tem essa implicação. O azulejo mantém o seu reinado. E materiais menos nobres, como o alumínio, tomam-nos de assalto.

11



ARTER



8

SALAS GRANDES

A zona de convívio cresce. Será que isto acontece nos anos 80 por já serem possíveis os ajuntamentos e as reuniões? Em contrapartida, diminuem as dimensões dos quartos.

PÓS-MODERNISMO

A Escola do Porto nasce ainda nos tempos da Ditadura, demarcando-se das atitudes vigentes por um estilo depurado. A Casa de Chá da Boa Nova é inaugurada em 1963. O nome do arquitecto responsável não é referido à época. Não obstante, esta tornar-se-á uma das mais conhecidas obras de Siza Vieira. O contraponto a este aspecto quase ascético da arquitectura surge depois do 25 de Abril, com o pós-modernismo. O ímpeto criativo de autor é sobrevalorizado. E há um arquitecto em Portugal que leva a originalidade a extremos: Tomás Taveira, cuja obra emblemática é o conjunto das Torres das Amoreiras.



9

10

MUDAM AS PLANTAS

O Português Suave é o estilo arquitectónico que mais se destaca no Estado Novo. O interior das casas tem corredores longos, varandas de serviço e logradouros com nespereiras e gatos. A expansão urbana leva a uma alteração da construção.

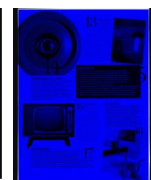
Materiais mais baratos invadem o mercado. A partir de 1974 verifica-se uma diversificação dos estilos. Em meados de 80, com o desafogo económico, as casas têm mais divisões e termina o reinado do sofá-cama. Surge a praga dos alumínio e das varandas fechadas com este material.

INTERNACIONALIZAÇÃO DA ARQUITECTURA

Os grandes nomes da arquitectura coeva ao Estado Novo – Cassiano Branco, Ruy Jervis Athougua, Pedro Cid, Gonçalo Ribeiro Teles, António Viana Barreto ou Fernando Távora – são grandes no território nacional. Os que se lhes seguem conseguem colaborações no estrangeiro, tendo reconhecimento internacional. Siza Vieira e Souto de Moura vêm à cabeça, mas há mais. Carrilho da Graça, os irmãos Aires Mateus e Gonçalo Byrne são outros nomes respeitados.

12





HERNÊS

MERCADOS DE LUXO

O aumento do poder de compra e a concessão cada vez mais fácil de créditos pessoais ditam a alteração dos consumos, também na decoração. Depois dos anos 70 e, sobretudo, nos anos do Cavaquismo, Portugal conhece possibilidades de interiores mais confortáveis e mais caros. A Santos da Casa, a Loja da Atalaia, a Arquitectónica, a Dimensão ou a Pavillon Christofle, entre outras, são referências deste período.

13 REVISTAS

Antes, as revistas francesas de decoração eram referência. Em democracia, as publicações em português intensificam-se e tornam-se referências de gosto e veículo preferencial para anunciantes de qualidade. Revistas mais antigas mantêm-se, como a *Casa & Jardim* e a *Casa e Decoração*. Nos anos 80, surge a *Casa Cláudia*. Em 1998 aparecem a *Máxima Interiores* e a *Caras Decoração*. Vinda de fora, a *Wallpaper* deslumbra. A variedade de títulos e linhas editoriais é um bom barómetro do interesse e da informação do público.



CONFORTO

A diferença entre as casas das boas famílias e as das famílias boas é abissal. Só nas primeiras há alguma noção de conforto. E também só naquelas se encontra a possibilidade de aceder a revestimentos e tecidos de qualidade. Quem tem pode visitar o exterior do país depara-se com casas muito mais confortáveis. Em Paris e em Londres, mesmo nas casas mais modestas, há noções de conforto visual, táctil e funcional.

Imediatamente a seguir ao período revolucionário, verifica-se um aumento da cor no interior das casas. Madalena Fragoso, que viria a ser a primeira directora da *Máxima Interiores*, recorda: "As paredes eram castanhas, com objectos coloridos a realçar." As casas eram, na sua maioria, feitas à imagem da casa dos pais, muitas vezes com mobílias herdadas em vida.

15

16 TELEVISÃO

A caixa que mudou o mundo mudou a decoração. O aspecto físico, nos anos 70, fá-la ocupar um lugar de destaque nas salas e as dimensões fazem dela um móvel. Mas a televisão alterou também as mentalidades e o gosto. Telenovelas brasileiras, como *Água Viva*, e portuguesas, como *Vila Faia*, inspiram os telespectadores a copiar ambientes mais cuidados. Na década de 80, a preocupação com a decoração começa a ser transversal a todas as camadas da sociedade.

ALCATIFA

Se há material que espelha a evolução dos tempos é este. Primeiro, só os mais ricos a têm. Nos anos 70 e 80, não há chão que não seja alcatifado, muitas vezes, cada divisão de sua cor, chegando-se ao cúmulo de colocar tapetes por cima. Depois, assiste-se a um regresso ao soalho despido. Hoje a tendência é conjugar áreas alcatifadas com zonas de revestimento mais frio. Normalmente, a alcatifa serve para o conforto do quarto.

18



GETTY IMAGES



GETTY IMAGES

URBANISMO

O Plano Director Municipal é regulamentado em 1999 e tornado obrigatório para fazer face ao desregramento absoluto com que se constrói em Portugal. Assume um papel fundamental na escolha de uma casa nova, já que através dele se pode prever o tipo de construções e a densidade populacional. Mas foi muito antes que a ocupação programada pela administração local começou. Mais concretamente, foi com Duarte Pacheco que, em 1945, a Câmara Municipal de Lisboa inicia o Plano do Bairro de Alvalade encomendado a Faria da Costa.

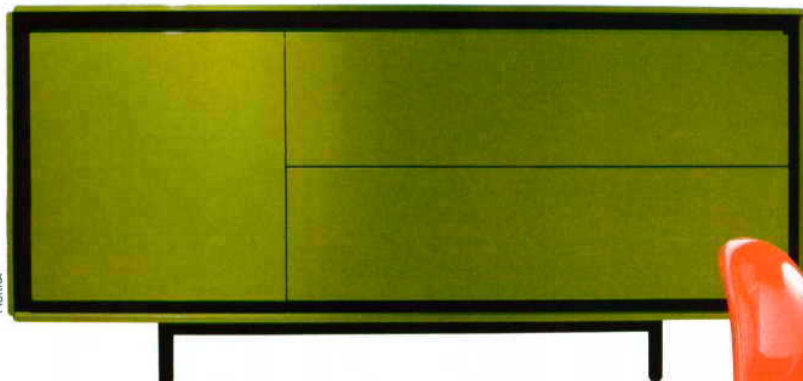
17



DESIGN DE PRODUTO

As fábricas de mobiliário e de têxtil integram tardiamente designers profissionais. Este é um caminho ainda a ser trilhado pela indústria portuguesa. Mas há exceções: na Opostos, na Silampos, na Lameirinho ou na ICEL, o design vem tendo uma importância crescente. E a Cifial até já foi premiada internacionalmente pela sua gestão de design.

19



21 GOSTO ACESSÍVEL

No fim da cronologia da democratização do gosto está a abertura, primeiro, da Habitat e, mais recentemente, da Ikea. Muitos objectos de design a um preço muito acessível é o que estes espaços oferecem. Os catálogos da marca sueca passam a ser a referência de gosto da maioria da população.



COPY PASTE

Não há bela sem senão. O que se assiste agora é, em alguns casos, a repetição peça por peça das montras e dos *showrooms* em ambiente doméstico.

23

FUSÃO

"E se todo o mundo é composto de mudança", como canta José Mário Branco com um verso emprestado a Camões, o estilo deste 2009 é marcado pela fusão de estilos: *vintage* com étnico, moderno com inglês, barroco com barato. E o futuro também muda?

20



OFERTA CRESCENTE

A Altamira é revitalizada logo no pós-25 de Abril. Em 1974, Pedro Guimarães abre uma loja no Porto. Nos anos 80, vão abrindo a Arquitectónica, a Paris Sete... resistem para a classe média a Olaio, a Interforma e a 3K Móvel. Para a pequena burguesia, as lojas da Avenida Almirante Reis são um paraíso. Para menores recursos, a Moviflor e a Maiúscula. Para a burguesia ascendente dos anos 80 existiam a Unika e a Intério. Na *menage*, mantinham-se a Braz&Braz e a Pollux. Para bolsas mais abastadas a Antiga Casa José Alexandre. As *griffes* internacionais, que raramente se encontram antes de 1974, passam a ser mais conhecidas do público. Progressivamente, chegam às maiores cidades do país a Habitat e a Ligne Roset.

22

FIM DAS FRONTEIRAS

Começa a democracia, Portugal passa a fazer parte da CEE em 1986 e em 1992 deixam de existir fronteiras. Antes da livre circulação de pessoas e bens, a decoração, como todas as outras actividades económicas, estava sujeita a um acréscimo de valor dos materiais por causa dos impostos alfandegários. Existem até histórias de senhoras de boas famílias a fazerem contrabando de tecidos comprados em Madrid.

24

25 FORMAÇÃO SUPERIOR

A decoração e a arquitectura de interiores estavam relegadas para um plano inferior. A Escola António Arroio dava formação profissional em artes e ofícios, mas a casa não era um assunto abordado. Ainda antes do 25 de Abril, a Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva lança o primeiro curso de Artes Decorativas. Mas, mesmo assim, a maioria dos alunos tem um interesse pouco profissional. Presentemente, a arquitectura de interiores é um mestrado integrado em algumas Faculdades de Arquitectura do país.



